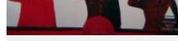


A TERRÍVEL HISTÓRIA DE EVERARDO NORÕES E O ANGELUS NOVUS DE PAUL KLEE

W. J. Solha



Foi como num trecho desta obra , ou de um filme de Costa-Gavras,



Sempre mandei meus livros a bons leitores de todo o país e, confirmando que é dando que se recebe, sempre recebi obras que deus e o mundo também me mandaram, mais, até, do que pude ler. Deu-se, então, que recentemente li e comentei vários contos de **ENTRE MOSCAS**, de Everardo Norões, todos baseados na vida real, de que gostei muito, e... vai daí que, acidentalmente, um mês depois, dou com outro livro dele, anterior (2012), por mais de um ano escanteado numa de minhas estantes: **O FABRICANTE DE HISTÓRIAS** (Edições Muiraquitã), que - de repente - me interessou muito, claro. E, de cara, o primeiro conto do volume me fascinou. Como me parece ter muito a ver, eis a ficha resumida do autor:



EVERARDO NORÕES ARRAES, natural do Crato, reside no Recife, foi exilado político e morou na França, Argélia e Moçambique.

Bom, conto uma história minha, pra depois recontá-la na dele:

Lá pelo fim dos anos 70, plena ditadura, um colega de alto posto me perguntou se eu não gostaria de trabalhar na revista do Desed, do banco, lá em Brasília, bastante ligada às artes. Como me interessei, tentou minha remoção, mas não a conseguiu. Aí, uma de minhas cunhadas, amicíssima da secretária do presidente do BB da época, conseguiu isso num vapt-vupt: veio um telefonema na sexta, pra me apresentar no Distrito Federal na segunda. OK. Tomava umas cervejas com os novos companheiros de lá, depois de um dia de expediente, quando se aproximou de mim um ex-colega de ginásio, lá de Sorocaba, São Paulo, onde nasci. Não conversou cinco minutos e eu já estava convidado pra colaborar com o Ministério da Fazenda, como ele, dispensado da vida bancária. Recusei a oferta, alegando que não estava nada entusiasmado com a cidade, ele se foi, e meu chefe – que ouvira a conversa – se aproximou puto: “Taí como foi que você conseguiu sua transferência da noite pro dia: com o dedo-duro!”

Conto isso porque foi a primeira coisa de que me lembrei ao ler a primeira narrativa de **O FABRICANTE DE HISTÓRIAS**, de Norões – **O EXERCÍCIO DO ASCO**, onde dois antigos parceiros de um colégio de jesuítas encontram-se por acaso, *séculos* depois, fazendo cooper numa praça de Casa Forte, na capital pernambucana, e um deles, o narrador, conta como se impactou, de imediato, com o antigo artilheiro do colégio agora obeso, e com seu apartamento, para o qual é convidado, num trigésimo segundo andar, “numa plataforma aérea, que mais parece o bunker de luxo de algum figurão da Gestapo”.

Bom.

O conto é soberbo. Norões nos vai dando pistas, aos poucos, sobre esse homem, até encerrar o que se descobre dele, num vômito do narrador.

Primeira pista, dada pelo anfitrião, depois da terceira dose de uísque:

- Não tenho isso que você chama de moral. Tenho apenas dois princípios: tratar meu alvo com delicadeza e descobrir sua vulnerabilidade. (...) Aquilo que você aprenderia se lesse o *Da Guerra*, de Clausewitz.

O narrador se intriga com tal citação de um ex-estudante que só pensava em futebol. *Certamente frequentara algum curso de Estado Maior, oferecido (...) a alguns paisanos.* O outro se serve pela quarta vez. E, gentil, ainda com a garrafa:

- Sirvo?

Recuso-me a aceitar outra dose.

Nova pista:

Naquele instante percebi, num recanto da sala, uma pequena tela de vídeo, a focalizar, em quadradinhos, as várias entradas do prédio. Penso: as vidas estão recortadas como NUM QUEB RA-CABEÇA, do qual ninguém conhece o original, AQUI O POLÍTICO PODE SER VIZINHO DO MAFIOSO; O TORTURADOR, AMIGO DO JUIZ.

E eu? – pergunta-se, lembrando-se de que o outro tinha sido artilheiro do colégio - O que faço, nessa armadilha, goleiro à espera do pênalti?

(...)

De novo, o barulho do gelo, o jato de uísque 12 anos derramado naquele copo pesado.

Entra um cão burguês em cena, que o faz lembrar-se – por contraste - de Servílio de Holanda como o perdigueiro Jiló de *O Vau da Sarapalha*. O cachorro leva um chute do dono. E... veja o detalhe:

Ao bater na cesta ao lado, revistas se esparramam; dão colorido AO MÁRMORE PARDO DO PISO, COMO A PEDRA DE ALGUNS TÚMULOS CHIQUES DO CEMITÉRIO DE LA RECOLETA.

Argentina!

CERTAS COMBINAÇÕES DE CORES ACENDEM METÁFORAS: O ANJO SALPICADO DE HERA, A SOLEIRA CARCOMIDA DAS PORTAS DAS IGREJAS, UMA BANCADA DE NECROTÉRIO.

A mente do narrador dispara uma fuzilaria de associações que vão levá-lo ao *Angelus Novus*, de Paul Klee, um desenho à nanquim, giz pastel e aquarela sobre papel, de 1920, que atualmente está no Museu de Israel, em Jerusalém, e que ganhou enorme notoriedade quando o filósofo alemão Walter Benjamin – então dono dessa obra de arte – usou-a como imagem poderosa para a nona de suas



“Teses Sobre o Conceito de História”



Bem, *A Vista de Delft*, de Vermeer, também ficou famosa do dia para a noite, graças à menção de Proust faz, dela, no *Em Busca do Tempo Perdido*,



plus éblouissant, plus différent de tout ce qu'il connaissait - O mais impressionante, mais diferente de tudo que conhecia.

... o que também aconteceu com *A Ressurreição*, de Piero della Francesca, quando foi descoberta por Aldous Huxley em Sansepolcro, interior da Itália, de repente *La più bela pittura del mondo. The greatest painting in the world.*



AllPicturs

Embora notáveis, os quadros de Vermeer e de Piero dificilmente seriam considerados “os mais belos do mundo” por outros experts Mas, como diz o experiente jornalista, em *O Homem que matou o facínora*:

- When the legend becomes fact, print the legend.*
- Quando a lenda se torna fato, imprima-se a lenda.*

Assim,

o Angelus Novus - segundo Norões transcreve do próprio Benjamin - olha fixamente alguma coisa que foi deixada para trás, o passado. Enquanto nós acompanhamos o transcorrer dos acontecimentos, o anjo enxerga apenas a catástrofe e quer despertar os mortos. (...) Mas de repente uma tempestade sopra do paraíso e faz com que suas asas se abram com tal força que ele é lançado em direção ao futuro.

Diz a Wikipedia:

Otto Karl Werckmeister comentou que a interpretação de Benjamin do anjo levou a que se tornasse "um ícone da [esquerda](#)".

Também para o narrador de Norões. Um sinal.

Aproveito meu instinto, apanho rapidamente entre as revistas esparramadas duas folhas de papel que esvoaçam. BUSCO VERIFICAR O NOME COMPLETO DO DESTINATÁRIO, DESVENDAR ALGO QUE ME CHEGA À MEMÓRIA: UMA NOTÍCIA DE JORNAL, UM APITO DE SIRENE, UM BARILHO DE FREIO NA AVENIDA, UM CORPO ESTENDIDO, PERFURADO, NA MESA FRIA DO NECROTÉRIO...

Necrotério.

Uma mulher entra em cena. Estranha o estranho.

- É amigo dele?

- Fomos colegas de colégio. Era artilheiro do time...

- Puxa! Quanto tempo, hein? E nunca mais se viram?

- Morei fora, voltei há poucos anos.

Norões, genial:

O nunca mais se viram? ressuscita como se tivesse sido arrancado da pequena gaveta de um armário secreto, entre documentos, passaportes, notícias de jornal. (OU UM LAUDO DE MEDICINA LEGAL).

(...)

Algo pesa como a véspera de um infarto. (...) O Buda da mesa de repente transforma-se numa pistola com silenciador, as revistas em bisturis, escalpelos, tesouras afiadas. Há um cheiro de coágulo dentro da jaula metálica por onde devo fugir.

O final é terrível. Mal chega em casa,

Ligo o computador para rever no youtube a entrevista do ex-oficial da marinha argentina Adolfo Scilingo, estilo executivo, terno bem-posto, o olhar indiferente a contaminar o écran, a voz pausada de militar disciplinado. RELATA, COM NATURALIDADE, AS AUTORIZAÇÕES DA IGREJA CATÓLICA, AS DOSES DE

SONÍFEROS, O MODELO DE AERONAVE UTILIZADO NAS OPERAÇÕES, O NÚMERO EXATO DE PESSOAS LANÇADAS AO MAR. E AS DOSES DE UÍSQE AO CHEGAR A CASA, APÓS O DEVER CUMPRIDO.

Ânsia de vômito.

Fiquei por um instante sem ação, ao terminar o conto. Ficção... ou não, outra vez? Sentindo-me um tanto tolo como tantos que escreveram para 221 B Baker Street atrás de um contato com Sherlock Holmes... fui ao youtube, digitei ADOLFO SCILINGO... e lá estava o depoimento dele!!!

Sobre o Papa Inocêncio III e O FABRICANTE DE HISTÓRIAS, conto de Everardo Norões

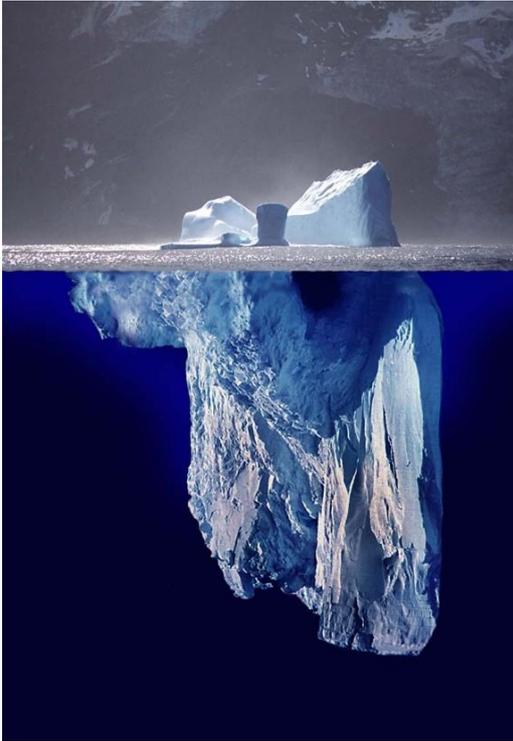
W. J. Solha

Poderíamos dizer que toda narrativa de Norões é mais ou menos isto



e,

também, isto:



, por isso ele nunca é óbvio.

Quem é o fabricante de histórias, personagem *dessa* história que abre com um sábado em que ele passeia em Lisboa e se vê ante a igreja de São Roque,



de fachada sóbria,



que é outro

iceberg... pela qual passa, dizendo pouco se interessar pelo *que vem de dentro* de outras coisas e dela, *toda ouro e jacarandá, extraídos pelos negros das Minas Gerais?*

Veja como ele se veste:

Tênis, camisa creme, calça sem vinco, como pede o verão.

E como caminha (Está lá, no fim do conto):

devagar, mais lento ainda pelo temor de escorregar nas pedras portuguesas de que são feitas as calçadas da cidade. Ele, que já carrega certa idade, (...).

Hm. Em todas as histórias que analisei de Norões eu o vi construindo seus personagens a partir de pessoas reais. Como faz com o Aquino de Bragança, numa delas, e com Fernando Pessoa e Federico Garcia Lorca, noutra. Mas o goês, para ele, é só um goês, e os poetas são apenas F e F, claro, com o que consegue o charme de um certo mistério de meio-anonimato que pede por ser desvendado,

além do que há a liberdade do criador, que não deixa, porém, de nos passar mais pistas:

(...) prefere continuar isolado do outro lado do atlântico mundo, tramar em sossego final de capítulos de novelas, (...).

Um teledramaturgo brasileiro. Em Lisboa!

Algo mais, do começo: Nenhum indício de que está a ser seguido por alguém que já o viu tantas vezes sentado à mesa do bar Savoy, numa certa avenida Guararapes, ao calor noturno do Recife.



Bar Savoy

Endereço: Av. Guararapes, 147 - Santo Antônio, PE, 50010-000
Telefone: 812242291

Ah, é

AGUINALDO SILVA

O homem das novelas que trocou o rio pelo castelo

por RAQUEL COSTA 09 julho 2011



Autor de êxitos da Globo como 'Tieta' e 'Pedra sobre Pedra', o novelista de 67 anos deixou para trás a insegurança e a confusão do Rio de Janeiro e abraçou a tranquilidade de Lisboa.



Aguinaldo Silva ([Carpina](#), [7 de junho de 1943](#)) [dramaturgo](#), [escritor](#), [roteirista](#), [jornalista](#), [cineasta](#) e [telenovelistas brasileiro](#).

Silva possui a "marca" de único autor da Globo que só escreveu novelas de horário nobre.

Pernambucano de nascimento, Aginaldo Silva reside atualmente em [Lisboa](#), [Portugal](#).

Votemos ao lado Yang do iceberg:

Mas hoje é sábado e, mais adiante, ele se detém a olhar sapatos nas vitrinas(...)



... e passa depressa pela tabacaria Havaneza. (...) Certamente não se lembra de que à soleira da porta ao lado se deteve, certa vez, o homem da Tabacaria, o mesmo de A Brasileira, da estátua de bronze.



Afinal, Norões poderia acrescentar (mas o gênero conto tem pressa): pra quê lembrar? *Ele morrerá e eu morrerei./ Ele deixará a tabuleta, eu deixarei os versos./ A certa altura morrerá a tabuleta também, os versos também./ Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,/ E a língua em que foram escritos os versos.* (...)

É bem verdade – diz Norões, voltando ao bar Savoy, do Recife – que ele, o fabricante de histórias, sempre sozinho, não era dos trinta homens sentados em torno dos trinta copos de chope.

Quais? Os dos versos de Carlos Pena Filho:

Na avenida Guararapes, / o Recife vai marchando. / O bairro de Santo Antonio, / tanto se foi transformando / que, agora, às cinco da tarde, / mais se assemelha a um festim, / nas mesas do Bar Savoy, / o refrão tem sido assim: / São trinta copos de chopp, / são trinta homens sentados, / trezentos desejos presos, / trinta mil sonhos frustrados.

Carlos Pena. Aguinaldo, agora, *costuma saborear “os travesseiros de Sintra”*,



*nas tardes de domingo, quando visita o **Palácio** da Pena.*



Chiquérrimo. E as novelas?

(...) sabe que não há muito a dizer de novo: tudo o que pensar sobre a ‘alma humana’ está escrito na Bíblia e plagiado por Shakespeare. Satisfaz-se em lidar com a beleza dos astros. Sua maneira de dar ao velho uma formatação tão contemporânea quanto as vitrines de um shopping center é o seu sucesso. Ele sabe que é apenas um cirurgião plástico da literatura e admite...

(é exatamente neste ponto que Norões dá o pulo do gato. Ou... no parágrafo anterior:)

Nem desconfia que ao mesmo tempo que caminha, certo concertista executa no órgão da igreja uma peça de Antonio Cabezón, a “Pavana con su glosa”

*...e admite, (agora, sim) de repente, que **SE** entrasse na igreja de São Roque – e talvez o faça no regresso desse seu passeio matinal , poderia obter argumentos para compor os próximos capítulos da novela. Observará o abuso do dourado, a sugerir mais adereços à indumentária dos personagens, como é do gosto herdado do barroquismo.*





(...) Também os anjinhos nus, com seus minúsculos sexos,



(...) seriam, na trama, um elemento de pedofilia a ser tratado com sutileza num próximo episódio, renderia reportagens comoventes para a leitura de mulheres em salas de espera de consultórios médicos.

Há mais:

A balaustrada de ébano com pedestal de mosaico florentino seria cenário para o encontro entre a prostituta brasileira e o negociante português



BEM, ... MAS É A VOLTA QUE FAZ O ANZOL

Norões enumera o que o fazedor de histórias certamente fará ao chegar em casa: comerá cherne gralhada, contemplará, de seu jardim, o castelo de São Jorge, escreverá com sarcasmo, no seu notebook, sobre algum escritor ou ator. *Isso, novas fora, nada.*

Mas... passa de novo diante da igreja, olha desinteressado a fachada sóbria(...) e, ao ouvir um som amortecido de órgão, resolve entrar. Senta-se no último banco. Fecha os olhos com indolência, quase sono. Ouça, enquanto prosseguimos.

Pavana con su glosa - <http://www.youtube.com/watch?v=6HvgWdSlikQ>.



Divaga. O enterro do marido assassinado na novela – vítima de um ardil montado pela esposa e o amante – parecerá menos sórdido com essa música de fundo. O féretro será filmado de forma a dar a impressão de flutuar entre as alamedas de algum cemitério chique. A prisão dos dois cúmplices será consumada enquanto comem sanduíche no quiosque no adro da igreja, próximo à estátua do homem que distribui jornais (na verdade cautelas) aos turistas de ocasião.



(...) O grande Final será uma espécie de exercício metafórico (...).

Como ao ritmo da pavana de Cabezón, anda devagar, mais lento ainda pelo temor de escorregar nas pedras portuguesas (...) pois, como destacamos, já carrega certa idade (...)

Ô, quer dizer que a famosa... transformação do personagem não acontece!

Não. Mas Norões nos mostrou o quanto ele esteve... *pertiinho* disso, e aí é que está, justamente, seu toque de gênio! Como Apolo no flagra de Bernini, em que o deus alcança e *quase* consegue violentar Dafne, que se transforma num loureiro:



Acho que, mais do que isso: o conto me lembra muito uma sequência do *Irmão Sol, Irmã Lua*, de Zeffirelli, (veja que belo cartaz):



...que se passa aí, nessa Basílica de São João de Latrão, em que o Papa Inocêncio III, ouvindo, em audiência, o fradezinho Francisco – il Poverello d’Assisi (o Pobrezinho de Assis, descalço e vestido de trapos) – tira a coroa e o manto



luxuoso, impressionado, e abençoa o italianinho e sua ordem, com o que jovem sai feliz com a conquista, enquanto vemos, ao fundo, os príncipes da Igreja repondo manto e coroa no pontífice.



O FRIO DA



LÂMINA

W. J. Solha

Everardo Norões é do Crato. Conheceu *matadores, coisas de sertanejo*, como me disse por e-mail, sem dizer quando foi isso – provavelmente na infância e adolescência - e também os conheci, em Pombal, alto sertão da Paraíba, onde duas vezes (ah, não imagine nada épico) fui cabra marcado pra morrer. Fora o fato de que no final dos anos 60 fiz justamente o papel de um matador no primeiro longa paraibano – O Salário da Morte, de Linduarte Noronha – produzido por mim, por um colega do BB – José Bezerra Filho, autor da história - e pelo povo da cidade. Aí estou, de rosário e escapulário no pescoço e revólver na cintura



. Daí que avalizo em teoria e prática O Frio da Lâmina (que faz parte dos livros O FABRICANTE DE HISTÓRIAS e ENTRE MOSCAS (Confraria do Vento, 2013, finalista do Portugal/Telecom, com resultado previsto pra novembro). Além da vivência da região, Norões é um autor culto, e esta sua estória tem, por isso – como todas as que conheço, dele – grande riqueza interna.

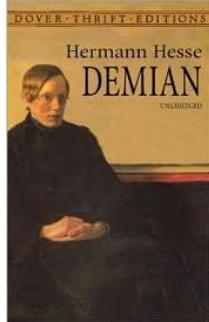
Veja isto:

O Primo sorri. Somos parentes próximos e colegas dos tempos de colégio, quando ele costumava assistir às aulas com um 38 escondido na carteira e eu contava com sua proteção em brigas contra os mais velhos.

E, perto do final:

(...) tenho por ele uma espécie de ternura dos tempos de escola, quando invejava seu olhar ao encarar algum colega de quem desgostava ou quando me dizia que era apenas um hóspede de Deus.

Esse Primo me remeteu imediatamente ao personagem central de um livro que



marcou época:

Emil Sinclair, protagonista e narrador, (...) influenciado por Max Demian, um colega de classe precoce e envolvente, prova o crime, a amizade e as incertezas - surpresas que engendram as descobertas de sua vida adolescente. (...) Demian revela a Sinclair que existem [filhos de Caim](#), pessoas que possuem a capacidade de exercer o bem e o mal.

E eis uma das falas do Primo – que agora, adulto, é um matador de aluguel - no misterioso encontro com o narrador, numa mesa de bar:

- Muita gente pensa que só Deus tem o direito de tirar a vida. (...) Conheço um pouco do História, daqueles tempos de ginásio, e pergunto: quem matou mais gente do que a Igreja? (...) tenho consciência de que só mato gente ruim, ajudo Deus e melhorar essa terra.

Demian tem um equivalente no cinema: Shane (Alan Ladd) de “Os Brutos Também Amam”. O garoto vê chegar na fazenda o misterioso matador que passa



a trabalhar com o pai dele, impõe respeito aos



que querem tomar a terra da família,



dança com a mãe, o que o pai não faz

e ensina-o a atirar,



... o que deixa o garoto – e a mãe – forçados a uma comparação entre esse ideal e o pai e marido - sério, responsável, confiável, trabalhador, mas feio e sem charme



Como já observei ao analisar o conto *O Fabricante de Histórias*, Norões gosta das antíteses, contrastes. e usei - para ilustrar isso - o símbolo do Yin/Yang, além da imagem de um iceberg (pela enorme parte submersa). É com isso que ele consegue uma espécie de tridimensionalidade em suas histórias.

O título *O Frio da Lâmina* deriva de uma frase do conto:

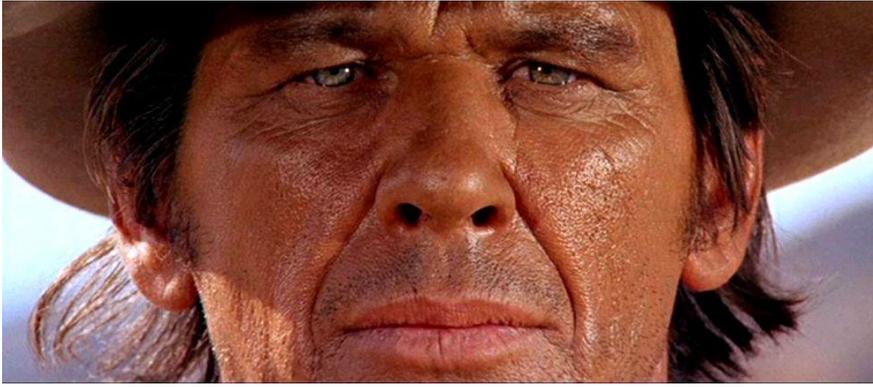
Fronteira entre vida e morte pode ser apenas o gume de uma faca. (...) Comecei a entender que era assim depois da conversa com o Primo, entre dois copos de cerveja, no bar da praça.

Em vez de “bar”, poder-se-ia dizer... *Saloon*.

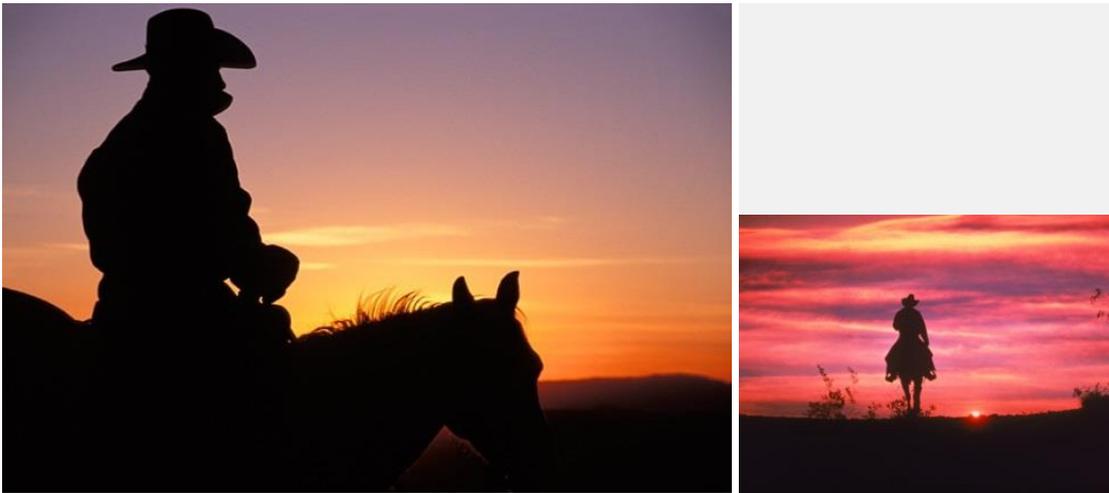


Sim, porque o clima que Norões estabelece na história é o mesmo das falsas pasmeiras nos largos espaços dos faroestes, que são os mesmos que vimos e vivemos no interior nordestino. Chego a ouvir a enorme solidão que nos passa a gaita de boca e do assobio da trilha sonora de Ennio Morricone, com trocas de olhares como este, que poderia ser os dos tais primos:





Quando o matador se vai, na moto, sinto que sua máquina negra equivale a isto:



Veja esta frase do narrador:

Escuto histórias e finjo acreditar nelas: assim são criados os mitos.

Isso nos leva à famosa frase dita por um experiente jornalista, noutro western, em *O Homem que matou o facínora*, de John Ford:

- When the legend becomes fact, print the legend.

- Quando a lenda se torna fato, imprima-se a lenda.

Lembrei-me disso noutro conto de Norões, em que o insuficiente quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, é transformado por Walter Benjamin num grande símbolo das esquerdas.

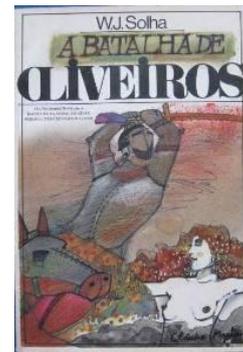
O narrador de *O FRIO DA LÂMINA* enfatiza, no final, depois que o Primo pega a moto negra e se vai:

É a hora morta, quando a preguiça toma conta do pequeno comércio e o lusco-fusco das almas rebrilha sobre as águas do açude. Enfio na boca o último gole: O REMORSO não tem gosto de cerveja(...). Repito: GOSTO do primo.

Remorso, Gosto do Primo. Um freudiano – que em tudo vê sexo, veria no narrador a mãe do garoto de Os Brutos Também Amam, a mulher casada que se apaixona pelo matador. Ou veria Riobaldo tenso por se apaixonar por Diadorim, que supõe ser homem. Um junguiano, no entanto, veria no narrador o menino impressionado por Demian, pelo Primo que cresceu... e se foi.



Mas nem Demian nem Shane são novidade. Não existe nada de novo de baixo do



sol, já dizia o Eclesiastes. Há um trecho de um romance meu



que contém uma revelação de outro livro, a calhar: , que me parece vir

(...) *meu pai*, acendendo novo charuto e olhando de esquelha para mim:

– Você sabia que essa coisa de seu irmão ir pra guerrilha do Araguaia e de você, que fica, ... é velhíssima? Tome – ele me diz – Abra na página 115.

Pego a brochura e leio o título: “A Psicanálise dos Contos de Fada”, de Bruno Bettelheim. Página 115. Vejo o nome do capítulo: “Contos dos Dois Irmãos”. Vejo a fumaça ser tragada pra treva da boca e da garganta de meu pai. E leio trecho sublinhado:

- “O tema dos dois irmãos é central no conto de fada mais antigo, que foi encontrado num papiro egípcio de 1250 a.C. Por mais de três mil anos, desde então, tomou várias formas. Um estudo enumera 770 versões... mas provavelmente há muitas mais!”

Leio, estupefato:

- “O que todas essas histórias dos Dois Irmãos têm em comum são traços que sugerem a identidade dos heróis, um dos quais é prudente e de bom senso...”

- No caso, você – meu pai especifica.

- “... mas pronto a arriscar a vida para salvar o outro irmão, que se expõe a perigos terríveis”,

- ...Seu irmão.

Viro a página:

- “As histórias sobre o tema dos Dois Irmãos acrescentam uma outra dicotomia: o impulso pela independência e autoafirmação, e a tendência oposta, a de permanecer em casa, ligado aos pais. Desde a primeira versão egípcia, as histórias frisam que ambos os desejos residem em nós, e que não podemos sobreviver privados de nenhum deles: com o desejo de ficar ligados ao passado, e o nosso impulso de atingir um novo futuro”.

- Agora, preste atenção, Oliveiros.

- “Através do desenrolar dos acontecimentos, a história com muita frequência ensina que cortar inteiramente o próprio passado leva a um desastre, mas que existir apenas em função do passado... impede o desenvolvimento.”

- Mas... não existe nenhuma saída, pai?

- Existe – ele diz, seguro – Continue lendo.

- “Apenas a integração completa dessas tendências contrárias (a do que fica e a do que vai) permite uma existência bem sucedida”. Mas como se consegue isso?

Pela curta biografia do autor, disponível – ele viveu (exilado) na França, Argélia e Moçambique, o que torna, inesperadamente, o Primo – e não o narrador – seu alterego. Veja como essa tese-antítese se reflete em seu estilo, que resulta em pura síntese, no jogo do não-acontecimento narrado à base de *chiaroscuro*, Yin/Yang, Sinclair/Demian, garoto/Shane:

Na abertura:

(...) a transição entre dia e **noite** é avara.

No fim segundo período:

Fronteira entre vida e **morte** pode ser apenas o gume de uma faca, um faiscar de bala.



No começo desse período:

(...) Na solidão das ilhas gregas **foram paridos os ciclopes**. **Aqui também tudo se cria, nada se esconde**. Fala-se alto, **mas o balbucio** é a forma mais corrente de fala. Não há por que temer os deuses, **mas é preciso acautelar-se contra a boca dos crentes**. Nesses lugares altos, as águas descem com rapidez e levam com elas o que houver de excesso no caminho. **A lama se agarra aos pés com a avidez de sanguessugas, entranha-se nas unhas, desacelera os passos. Tudo conspira contra a pressa e deixa seu negror.** (...)

Terceiro período:

(O Primo) Tem (...) pele branca de quem prefere **a sombra**.

Bem mais adiante:

(...) na sua atividade (...) é preciso fazer tudo certo, como a água da várzea, que parece mansa e espelha o céu, **mas de repente desembesta quando a chuva faz sua arrancada nas cabeceiras**.

Mais adiante:

(O primo, matador) **cumprimenta o policial que passa na calçada, informa que é filho de um ex-empregado de seu pai**.

Período seguinte:

(O Primo lhe pergunta): **Quem matou mais gente do que a Igreja?**

Período seguinte:

O Primo olha o relógio Cartier, diz que foi comprado **no mercado de Juazeiro do Norte**.

Próximo período:

As portas da matriz estão fechadas, o relógio da torre deixou de funcionar.(...) Em compensação os alto-falantes berram versículos da Bíblia, interpretada por alguma seita da vez.

E Norões repete, ao terminar o conto, o texto de abertura:

Porque, em cima da serra, cedinho bruma; de tarde, horizonte verde-cinza. No final do dia, as cidades em torno acendem suas luzes. (...)

Mas acrescenta:

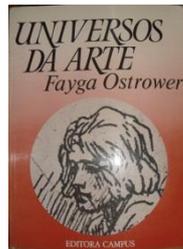
É sempre assim. A repetição ajuda A PENSAR QUE A VIDA NÃO TEM MUITA GRAÇA E QUALQUER ACONTECIMENTO FORA DO LUGAR AJUDA A ALIVIAR A MODORRA DE NOSSA PASSAGEM POR ESSE REINO DO ESQUECIMENTO.



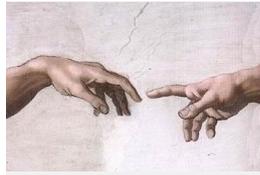
SCORPIACE EM RECIFE

- Sobre o conto *Na varanda, sobre o bulevar*, de Everardo Norões.

W. J. Solha



Este livro: *UNIVERSOS DA ARTE*, enfatiza a importância deste detalhe na *Criação do*



Homem, de Miguelângalo: *Homem*, que vem à baila **por causa de um momento especial, criado por Norões, nesse conto que integra o volume O FABRICANTE DE HISTÓRIAS:**

Ela pediu a caixa de fósforos e então os dedos se tocaram.

(...)

Ao devolver a caixa de fósforos, os dedos se tocaram de novo. Leve tremor de gazela acuada, de bicho no cio.

Onde a cena? Num apartamento do bulevar Mohamed V, não sei se o de Casablanca, Tânger ou Agadir – três cidades de Marrocos.



Como o autor fala numa *cidade branca e luminosa como o clarão que precedeu a chegada do arcanjo Gabriel*, voto em Casablanca, como votaria – já que a caixa de fósforos é de um brasileiro, na marca



Mas nos contos de Norões nada é claro e, em parte por isso mesmo, tudo é cativante. Ele não oferece pistas. Cita Nerval, francês; Janáček, tcheco; Farid ud-Din Attar, iraniano, ...e também um *figo partido ao meio do Cemitério das Princesas*, aquele, cheio de figueiras, em Argel, onde ele próprio, o autor, viveu. É um cidadão do mundo, evidentemente. Exilado, sua biografia confirma, e também a saudade mencionada no seu primeiro parágrafo.

E quem é a moça do fósforo? Zohra, encarregada da limpeza. *Cerca de trinta anos. Um escorpião, a pequena tatuagem no rosto, de linhas perfeitas.*



Fui ao Google. <http://www.tattoo.net.br/fotos-de-tatuagem-de-escorpio/> e lá está:

A tatuagem de escorpião costuma ser escolhida por homens e mulheres que tem fascínio por aquilo que é misterioso e enigmático. A imagem ameaçadora, sempre pronta para o ataque, pode transmitir charme e sensualidade, principalmente quando tatuada em mulheres, que indica que mesmo sendo pequena e serena, também pode ser forte e muitas vezes mortal.

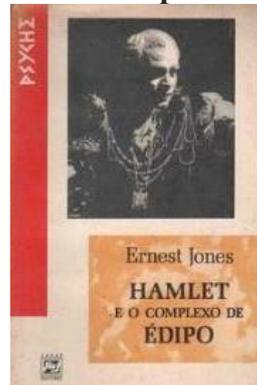
Seria só isso?

Mal Zohra entra em cena, o protagonista vê *“que os olhos dela tinham o negror dos condenados, e por uma razão que nunca conseguiu entender, ela começou a contar, num francês quase imperceptível, como havia sido repudiada.”* Daí a pergunta: *“Como seria a cerimônia do repúdio?”*, e ele se lembra de um livro que lera na faculdade, de um Louis Milliot. (Louis Milliot, [professeur de droit français](#), spécialiste du [droit musulman](#).) Escolhe um trecho: *“O juramento das costas (zihar)”*, onde um marido acusa:

- Juro que tuas costas são para mim como as costas da minha mãe.



Isso me lembra que no meu livro (Codecri 1984), analisei a personalidade de José Américo de Almeida através de seus romances, memórias da infância e a da participação dele na Revolução de 30. Concluí que o personagem Lúcio, de “A Bagaceira”, ao não querer Soledade porque ela era a cara de sua mãe, revelou ter o mesmo problema do personagem que é sua matriz, o Príncipe



da Dinamarca: , o que estendo ao romancista, memorialista e revolucionário paraibano, como Jones faz com Shakespeare. Bem, o mesmo eu poderia dizer do autor de “Na Varanda, sobre o Bulevar”, já que seu conto é todo na terceira pessoa, *menos* nesse momento em que ele diz: *Na estante da biblioteca da faculdade, LI no livro de Louis Milliot.*

Vejamos o que acontece.

Zohra tem um filho – Jamil – de doze anos. Justamente quando a citação do “juramento das costas” termina, *o grito do menino a chamar pela mãe flutuou sobre eles como faíscas de culpa. Zohra, por isso, deixa pra fazer depois o chá que o homem lhe pedira e se apressa. Desapareceu escada abaixo. Temia o filho, uma criança; mas era homem.*

É lembrado, então, no conto, o “Memorial dos santos”, de Farid ud-Din Attar, em que se narra que as virtudes do místico xeique Junald Baghdadi foram postas à prova pelo califa, que enviou à sua casa uma escrava extremamente bela, ricamente adornada de jóias. Ao ser seduzido, no entanto, *o santo suspirou, seu suspiro aflorou no rosto da escrava e a fez cair fulminada.*

Aí, no bulevar, no mormaço de um calor de 40 graus, algo estranho acontece:

“Uma luz caminhou entre fios de cabelo, uma mão insinuou-se entre dobras, houve um tilintar de xícaras na superfície da mesa, o copo de menta esverdeou a tarde, o *amuleto da mão de Fátima* pendurado na parede, o olho lhe varou o sexo,



, o espaldar da cadeira cheirando a suor e mormaço, o cobertor de lã com manchas brilhantes, o aconchego do REMORSO a se diluir entre dois lábios ecos e a língua a solicitar a misericórdia da saliva.”

Wikipédia:

A **hamsá** ([árabe](#): asmahc, خمسة— literalmente “cinco”, referindo-se aos cinco dedos da mão) é um [talismã](#) com a aparência da palma da [mão](#) com cinco dedos estendidos, usado por praticantes do [Judaísmo](#) e do [Islão](#) como um amuleto contra [mau-olhado](#).



Também é conhecida pelos nomes **chamsá**, **mão de Deus**, **mão de Fátima**, **olho de Fátima**, **mão de Míriam** ou **mão de Hamesh**.

Veja o que acontece em seguida:

“Ela o prendeu entre os braços, sussurrou alguma coisa que ele não pôde entender. Manteve os olhos fechados. UM HÁLITO SE ACERCOU DELE.”

Voltemos ao “Memorial dos santos”:

As virtudes do místico xeique Junald Baghdadi foram postas à prova. (...) Ao ser seduzido, entretanto, o santo suspirou, seu suspiro aflorou no rosto da escrava e a fez cair fulminada.

Suspiro, hálito, fulminada. Tudo se repete, em meio a um delírio: *Não mais o incomodava o cheiro de azeite, nem de axilas. As réstias de sol atravessaram as aberturas da cortina. Suas mãos procuraram laranjas, damascos e o figo partido ao meio do Cemitério das Princesas.*

D. H. Lawrence:

The Italians vulgarly say, it stands for the female part ; the fig-fruit :

The fissure, the yoni,

The wonderful moist conductivity towards the centre.

Os italianos apelidam de figo os órgãos sexuais da fêmea:

A fenda, o yoni,

Magnífica via húmida que conduz ao centro.

(...) No pátio, não viu mais o carneirinho a girar em torno de si mesmo, como se existisse um eixo imaginário, etc, etc. (...) Respirou fundo (...) Ela dormia ao lado (...) Era preciso esconder o escorpião gravado NO ALTO DO SEU SEIO. (...)

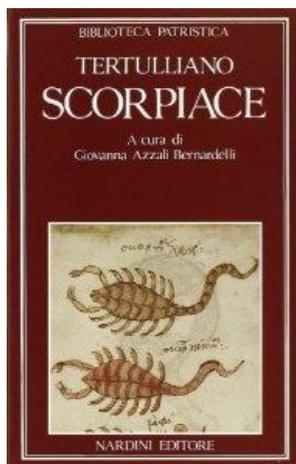
Mas o autor, versado em *mistérios*, se pergunta: *Qual a relação entre aquele escorpião, azulado, com pontos carmins, bordado na pele de Zohra, e o animal, metáfora da heresia, descrito por Tertuliano no preâmbulo sobre a doutrina do martírio?*

Martírio. Como Édipo, ele vive no exílio.

Tertuliano refutou uma orientação herética gnóstica que contestava o significado do martírio, vista esta heresia sob a imagem do escorpião. Acabou dando à refutação o título de *Scorpiace*, o remédio contra a picada do escorpião.

Mais.

Tertuliano demuestra que Dios desea la [fortaleza](#) de los mártires y su victoria sobre la [tentación](#);



Naquele instante, - aparente nonsense - buscou junto a Zohra o antídoto para a picada.

Mas de repente o personagem acorda e se vê numa cama branca, de ferro, no Recife, o plástico de soro dependurado ao lado. Pirara, andara sonhando? O conto não diz.

E no adormecer sem recurso, (ele se) lembrou do verso de Leopardi, na tradução de Ivo Barroso:

(...) é quando me visita o eterno,

E as estações já mortas, e a presente

E viva com seus cantos. Assim, nessa

Imensidão se afoga o pensamento

E doce é naufragar-se nesses mares.

POR QUE EVERARDO NORÕES DEU A SEU LIVRO 'ENTRE MOSCAS' O TÍTULO DE UM DE SEUS CONTOS?

W. J. Solha

Há tanta densidade nas suas histórias, quanto num autorretrato de Rembrandt da maturidade, feito sempre em várias camadas, como este:

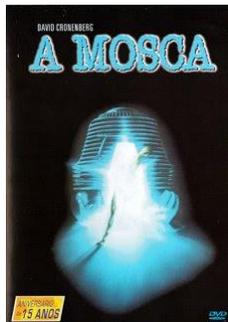


Essas camadas são perceptíveis, em Norões, na técnica utilizada – pelo menos nos três ... contos... que já analisei nestes dias, todos a partir de lances reais, dois até com tratamento tão esmerado quanto se fossem poemas – em que ele constrói as narrativas com paralelismos que as “amarram”, como os aros que mantêm coesos os fragmentos de madeira das barricadas.



Em “Um Certo Padre Gomes”, por exemplo, a pequenez de sua solidão no Cariri se resalta com o discurso de Valéry na Academia lotada, em Paris. Sua batina em nada épica, faz com que seus alunos pensem nos trajes dos samurais, com um 38 na faixa da cintura, em lugar do sabre, etc, etc. Em “Um certo Goês”, o diplomata de Moçambique discute com o brasileiro Ítalo Zappa, a Avenida Kenneth Kaunda joga com a rua Damião de Góis - em que Aquino de Bragança, o homem de Goa - reside, o que faz com que o autor compare o historiador português com o jornalista atual, um abrindo a grande narrativa das conquistas portuguesas, o outro encerrando-a com a luta de independência das colônias lusitanas em África e Ásia, etc, etc. E no “Entre Moscas”?

De cara, vemos que se trata de uma versão da “Metamorfose”, de Kafka, em que o personagem não acorda transformado num inseto: vai transformar-se nele. Como



no célebre

The Fly (*A Mosca* ^{PT/BR}) é um filme de terror e ficção científica dos [Estados Unidos](#), [Reino Unido](#) e [Canadá](#) de 1986, com direção de [David Cronenberg](#). Estrelando [Jeff Goldblum](#), [Geena Davis](#) e [John Getz](#). É uma refilmagem do seu [homônimo de 1958](#). O enredo desenvolve-se em torno do físico Seth Brundle ([Jeff Goldblum](#)), que está a desenvolver uma máquina de [teletransporte](#). Após fazer alguns testes com objetos e com um macaco, Seth, acompanhado de Veronica Quaife ([Geena Davis](#)), uma jornalista investigativa, sente-se encorajado a testar sua máquina em si próprio. Ao entrar na cabine de teletransporte, ele acaba se fundindo geneticamente a uma [mosca-doméstica](#), tendo diversas

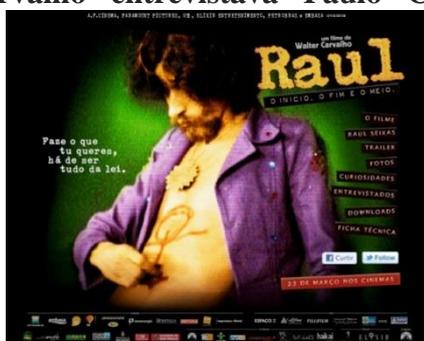
modificações fisiológicas aproximando-o da aparência de um inseto.

Talvez a MOSCA NA SOPA, do Raul Seixas:

Eu sou a mosca
Que perturba o seu sono
Eu sou a mosca
No seu quarto a zumbizar

Mas eu sou a mosca
Que pousou em sua sopa
Eu sou a mosca
Que pintou pra lhe abusar

Fato hilário: quando Walter Carvalho entrevistava Paulo Coelho para o



documentário sobre o roqueiro, apareceu sobrevoando, rodeando, pousando na cara do ex-parceiro do compositor, que falava justamente sobre ele. Paulo, sorrindo, estranhou:

- Uma mosca... aqui em Genebra? Deve ser o Raul!

E a matou.

Acho que tudo, para o ENTRE MOSCAS, teve início quando Norões se deparou, num poema infantil espanhol – LAS MOSCAS, de Antonio Machado -, com algo fascinante: estes dois versos:

vosotras, moscas vulgares

me evocais todas las cosas

Por que “fascinante”? Veja este trecho de meu poema longo “TRIGAL COM CORVOS”:

vi o bolinho madeleine fazer Proust reviver a infância

vi acontecer exatamente o mesmo com o personagem de Bergman ao comer morangos silvestres

vi a coisa toda reiterar-se em “Light in August” - de Faulkner – quando alguém experimentou ervilhas guisadas com melão

leio a mesma coisa nas memórias de Gabriel García Márquez a respeito dos efeitos de uma comida criolla servida novamente para ele em Aracataca quando adulto

e acabo me lembrando de meu amigo judeu argentino Kaplan - em seu "Antes que me Esqueça (m)" – mencionando igual resultado de uma semente de girassol torrada que lhe foi servida em Haifa.

Como se vê, Norões – de enorme bagagem literária – encantou-se com algo tão... proustiano... em poema não por acaso... infantil.

LAS MOSCAS

I

Vosotras, las familiares

inevitables golosas,

vosotras, moscas vulgares

me evocáis todas las cosas.

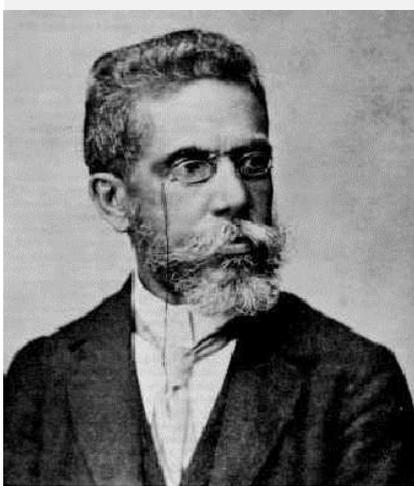
Como os versos prosseguem, mudo a formatação do restante, sem buscar traduções, pois – como são para crianças – têm fácil vocabulário. Observe que o verso que atraiu Norões, encerra a primeira estrofe, acima, e o poema todo (como novo aro de barrica), abaixo:

Vosotras, las familiares, inevitables golosas, vosotras, moscas vulgares, me evocáis todas las cosas. ¡Oh, viejas moscas voraces como abejas en abril, viejas moscas pertinaces sobre mi calva infantil! ¡Moscas del primer hastío en el salón familiar, las claras tardes de estío en que yo empecé a soñar! Y en la aborrecida escuela, raudas moscas divertidas, perseguidas por amor de lo que vuela, -que todo es volar-, sonoras rebotando en los cristales en los días otoñales... Moscas de todas las horas, de infancia y adolescencia, de mi juventud dorada; de esta segunda inocencia, que da en no creer en nada, de siempre... Moscas vulgares, que de puro familiares no tendréis digno cantor: yo sé que os habéis posado sobre el juguete encantado, sobre el librote cerrado, sobre la carta de amor, sobre los párpados yertos de los muertos. Inevitables golosas, que ni labráis como abejas, ni brilláis cual mariposas; pequeñas, revoltosas, vosotras, amigas viejas, **me evocáis todas las cosas.**

Genial! Aí está todo o ‘Em Busca do Tempo Perdido’ em meia dúzia de linhas!

Muito bem. Vai daí que o título “Entre Moscas” se deve ao fato de que o personagem do conto se mantém trancado no próprio quarto (que acaba funcionando como a cabine de teletransporte do filme ‘A MOSCA’) para que sua única companhia, a mosca que o azucrina, não se vá.

Mas vamos a mais dois aros utilizados pra manter essa barrica inteira. Claro que LAS MOSCAS, de um autor chamado Antonio *Machado*, levaria a uma óbvia associação com A MOSCA AZUL, poema de... *Machado* de Assis.



É, Machado, nosso gênio mulato *que certamente detestava negros*.

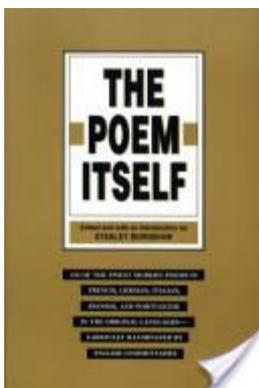
- *Quanto a mim, prefiro a mosca de verdade: preta, sem metáforas.*

E é interessante como Norões... deixa pistas pelo caminho. Veja este trecho:

Encontrei-a de novo, a minha mosca. Começou a saltitar sobre o livro aberto ao lado, em cima de um pedaço de frase: “to drive home the finality of death” . Caminha com passadas microscópicas, ultrapassa o trecho: “by the monotonous buzzing of the flies?”.

Que livro seria?

Este:



Stanley Burnshaw

University of Arkansas Press, 1964 - 337 páginas

Desse volume constam o poema “Las Moscas”, de Antonio Machado, no original em castelhano e, logo depois, um comentário, em inglês, no qual figuram essas duas frases. A segunda, “*by the monotonous buzzing of the flies?*” no meio do texto; a primeira, “*to drive home the finality of death*”, encerrando-o e à página 179. A obra está à venda e disponível na internet:

vosotras, amigas viejas,

me evocáis todas las cosas.

Que coisas?

Penso, então, na mosca que pousava no olho do primeiro morto que vi.

Isto está nesta bela estrofe:

Yo sé que os habéis
posado

sobre el juguete
encantado,

sobre el librote
cerrado,

sobre la carta de
amor,

***sobre los párpados
yertos***

de los muertos.

***Sobre as pálpebras
rijas***

dos mortos.

E depois de roçar meu braço esquerdo, aterrissa finalmente na pequena porção de comida, de cerca de 3 gramas, que depusitei sobre a folha de papel branco, tamanho A4.

Vosotras, las familiares,

inevitables golosas.

Note-se com a palavra “hastío” – tédio, fastio – aparece no poema de Machado e no texto de Norões:

¡Moscas del primer hastío

en el salón familiar,

Ela, a mosca, terá uma duração de, no máximo, vinte e um dias (...), ficarei sozinho, sem ter com quem partilhar O FASTIO.

(...)

E de repente a escuto, numa espécie de murmúrio.

Sim, the monotonous buzzing of the flies.

Há todo um referencial literário nesse conto, em todos os contos e poemas de Norões. Veja isto, para nos preparar para a kafkiana transformação do narrador em inseto:

Imagino que assim deve pensar Deus – se é que Ele existe – sobre todos nós humanos, pequenos insetos nervosos a se mexerem, sem objetivo nenhum no nosso pequeno bólido perdido no universo.

Isso tem muito a ver com a fala de Gloucester no quarto ato, cena um, do REI LEAR:

GLOUCESTER - O que para os garotos são as moscas, nós somos para os deuses: matam-nos por brinquedo.

GLOUCESTER - As flies to wanton boys are we to th' gods.
They kill us for their sport.

Mais referências, mais aros. À preocupação com a busca de algo totalizante, proustiano, se contrapõe tergiversações como esta:

Fico o dia quase todo a ler e a buscar entender os teoremas da incompletude de Gödel.

Ou, então, já que se está – sem querer, querendo – trabalhando num conto que é, todo uma metáfora, simbolista, a menção do poeta português Camilo Pessanha.

(Coimbra, 7 de Setembro de 1867 — Macau, 1 de Março de 1926) foi um poeta português.¹É considerado o expoente máximo do simbolismo em língua portuguesa, além de antecipador do princípio modernista **da fragmentação**.

O deboche:

Camilo Pessanha. Aquele de barba toda moscas.



Bem, mas já basta de entretantos e vamos pro finalmente: o conto começa dizendo

A mosca cola-se ao vidro da janela.

Descrição?

olhos múltiplos, omatídios, oitocentos grãos translúcidos, esferas cristalinas, como uma TV LCD



O conto termina:

Ligo a grande mosca, a que não se mexe, não volveia no ar. A que mede trinta e seis polegadas, milhares de grãos translúcidos, esferas cristalinas de alta definição, que levam a escuridão ao nosso cérebro minúsculo. E agora encandei a noite, na qual, sozinho, confundo-me com ela.”

C'est finis.



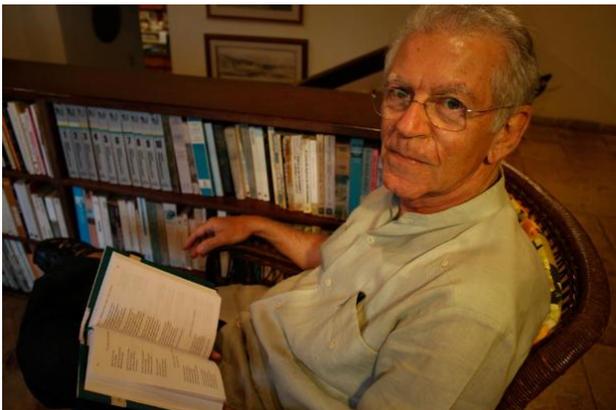
Ô, não. Detalhe importantíssimo: apesar de absurdo, o conto não teria partido de algo real, como em **UM CERTO PADRE GOMES, O CEGO e UM CERTO GOÊS?** Norões viveu vários anos na Argélia.

O **Deserto da Argélia** (árabe: الجزائرية الصحراء) é um [deserto](#) localizado na porção centro-norte da [África](#), mais precisamente no [Norte da África](#). Na Argélia, o deserto representa uma área de quase 80% do país. O deserto possui uma área de 3 500 000 km².

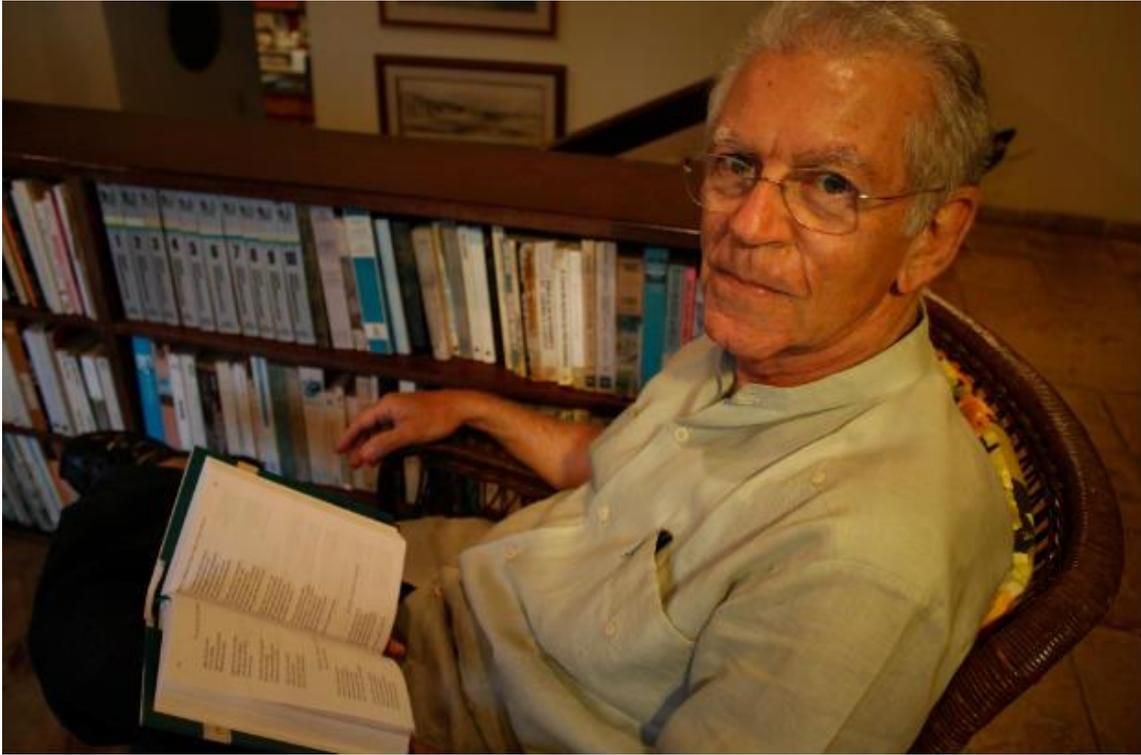


*lembro também a que me perseguiu na travessia de um trecho de deserto. Havia sido prevenido de que o instinto de sobrevivência levaria a mosca a se grudar em algum de nós e a seguir-nos até o fim da viagem. Instintivamente, ela sabia que, naquelas circunstâncias, abandonar o hospedeiro significaria a morte. Descuidei-me e tornei-me seu alvo. Feri-me, de leve, de tanto tentar livrar-me do assédio **e acabei por guardar uma pequena mancha vermelha, que ainda trago no rosto.***

Será?



Vamos ver de mais perto.



Não. Aqui está a mancha vermelha:



Everardo NORÕES,

Isto é sobre seu conto O Cego (páginas 45 ss).

W. J. Solha

Reparo no texto abaixo, sobre seu Entre Moscas:

Escrito por Marco Polo



*Ernest Hemingway dizia que a escrita deveria ser como um iceberg, do qual só se via uma mínima ponta, enquanto toda sua potência teria que ser adivinhada sob as águas. Já Ricardo Piglia diz que todo bom conto tem, sob o texto aparente, um subtexto que flui como um rio subterrâneo. Esse tipo de qualidade, que obriga o leitor a ser um leitor ativo, mergulhador, escavador, em busca do ouro real, é uma das qualidades do livro de contos *Entre moscas*, do cearense radicado no Recife Everardo Norões*

Bem, e o conto *O Cego* me parece um perfeito exemplo disso. A começar pelo fato de que é impossível, sendo você “borgiano nas citações”, cf Ronaldo Correia de Brito, não pensar em Borges.



Não só pela cegueira, mas – em alguns pontos

– pelo estilo. Você, como Borges, é poeta. Por sinal, Hamid já aparece com sua cegueira no poema O Anúncio dos Bárbaros. Mas aqui isto é explícito:

Marcamos n osso primeiro encontro num café, o da esquina de uma das principais avenidas da cidade, junto a uma praça que tem a atmosfera da confluência de rios ocultos.

“Rios ocultos”, no caso, são evidentemente, os personagens Hamid e o narrador. “Rios ocultos”. O conto mostra o quanto.

(Hamid) Sabe as razões de minha estada na cidade, quem são meus contatos, de onde venho.

Nós, não.

Indago como ele, cego, conseguira doutorar-se em lógica matemática pela Sorbonne. (..)

- O olho, disse o cego, é simples circunstância do real.

(...)

Reveja isto, depois de ler todo este meu texto:

*(às vezes me pergunto se ele é de fato cego), temo que escute meus passos, sinta o cheiro de meu corpo, descubra **alguma partícula secreta de meu nome.***

Umberto Eco presta uma grande homenagem a Jorge Luís Borges, em O Nome da Rosa. No livro há uma biblioteca labiríntica, secreta, dentro do convento comandado pelo misterioso, severo... e cego “Venerável **Jorge**”:



(às vezes me pergunto se ele é de fato cego).

Claro:

quando me pediu para conduzi-lo de automóvel, descreveu as ruas por onde passamos, confirmando que “via” tão bem quanto eu.

Al Pacino faz mais do que isso quando dança tango e dirige à toda, no papel de cego de Perfume de Mulher...



Hamid chega ao ponto de opinar sobre um desenho retratando uma ex-noiva:

A ligeira sombra abaixo dos olhos a torna um pouco mais velha mas, no geral, considero que é um bom trabalho

... o que não é nada absurdo, ante o fotógrafo cego Evgen Bavcar, do documentário Janela da Alma, sobre escritores e cineastas deficientes visuais,



... ou ante o Demolidor, super-herói cego vivido por Bem Affleck.



Claro que isso tudo remete a Tirésias, o... vidente cego do Édipo Rei, de Sófocles, que diz ao soberano (que terminará, literalmente, por cegar-se):



- ... Digo-te, Édipo, já que ofendestes a minha cegueira, que tens olhos abertos à luz, mas não vês teus males.

Hm. Isso tudo talvez tenha a ver com a escolha do nome Hamid – “louvado” ou “digno de louvor”.

Mas...

Com Hamid aprendi a detestar os cegos.

Como Buñuel. Em Viridiana, um dos mendigos, o cego, é mau – diz Roberto Acioli de Oliveira, em A Religião no Cinema de Luis Buñuel.- Para o cineasta... todos os cegos são maus!



E voltamos a Borges, que tem o xadrez como tema de um dos cumes de sua poesia.



Como explicar a facilidade com que Hamid age?

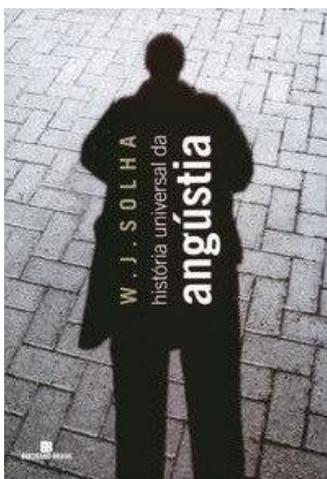
(Era) Como se tivesse no cérebro um modelo matemático , um jogo no qual sempre tivesse a possibilidade de ganhar ou, no mínimo de empatar a partida, Kasparov jogando contra o Deep Blue, ou no conto/ensaio de Poe O jogador de xadrez de Maelzel.

Bem borgiana a menção desse computador enfrentando Kasparov e desse estranho enxadrista, um autômato... na verdade, segundo Poe, uma farsa, pois manobrado por um anão.

Hamid também é matreiro:

...pede que o deixe junto às escadarias da universidade. Pego seu braço, abro caminho entre mesas.

Mas quem é o narrador? E quem, Hamid? O final do conto... me lembra o de meu romanceamento do Édipo Rei, de Sófocles, constante de minha História Universal da Angústia (Bertrand Brasil, 2005). Meu título, por sinal, deriva da História Universal da Infâmia, do argentino.



O meu tebano, ao fim de tudo, lembra-se de que Tirésias lhe dissera:

“Se agora não vês, olhando tudo, breve tudo verás, embora cego!”

Daí que ele mete os ferrões dos colchetes nos olhos.

Foi quando ouvi minha voz fora deste centro do universo que eu sou, dizendo-me de longe: “Tirésias!” Senti minhas mãos maiores do que as sabia e que o côncavo de suas palmas estavam ... nos ombros nus de dois rapazes – “Os kúroi!” – percebi. “Os guias!” – e, a seguir - “Degraus!”- percebi sob meus pés. Procurei controlar os passos para não cair.

E temos Édipo transformado no vidente, no exato momento em que chega, intimado por sua majestade – ele mesmo - a dizer o que sabe de tudo que está acontecendo. E ouve-se a si mesmo:

- “Zeus!... Saber é terrível, quando inútil!...”

E aí... tenho o Everardo Norões como irmão numa mesma caminhada. As coisas estão no ar, lemos e vimos as mesmas coisas, tivemos as mesmas influências... e por isso compreendo perfeitamente o que seu narrador diz, enigmaticamente, encerrando o conto:

Não tenho esc olha. (...) tornar-me-ei um pouco ele. Até fecharei os olhos. Serei um cego subindo escadarias, adentrando becos . Feito um cão policial, que se rege pelo faro, prestes a cravar suas mandíbulas na carne de algum infiel.

Sobre UM CERTO PADRE GOMES, de ENTRE MOSCAS, seu volume de contos, Everardo

W. J. Solha

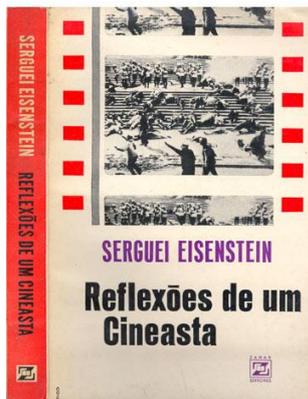
Em O SIGNO DA POESIA E O SIGNO DA PROSA, deste volume,



lê-se que “poesia é aquela coisa que muda de linha antes que a página tenha terminado e prosa é aquilo que continua enquanto é possível aproveitar um pedaço de papel” .

Nem sempre.

Na página 16, deste livro, por exemplo, se lê:



Surgiu uma ideia.

Primeiro dominar.

Depois destruir.

Descobrir os segredos da arte.

Tirar-lhe todos os disfarces.

Dominá-la.

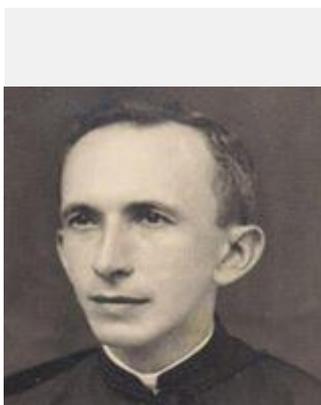
Tornar-se um mestre.

Depois, arrancar a máscara, pôr a nu, demolir!

O cineasta, aqui, quer apenas ser extremamente claro... e decupa o texto.



Bem, você, nas duas últimas histórias curtas do livro **EMTOE MURCUE**, decide não ir até o fim da linha. Pra... também decupar uma realidade vivida que tem pra nos repassar. Uma delas se chama **UM CERTO PADRE GOMES**.



Padre Antonio Gomes de Araújo, que, pelo menos nessas fotos em duas fases da vida, me lembra o ator e diretor



Roberto Begnini de A VIDA É BELA, foi – como o você conta fora do conto, seu professor “e um dos maiores historiadores do Ceará, da escola de Capistrano de Abreu”. Dá-nos um detalhe dele que é importante na história:

- Batina negra, com larga faixa a esconder um 38 duplo, segundo as más línguas, era temido – não só pelos alunos.

Bem, nem tanto.

- Um dia, em plena aula, caiu da cadeira. Ninguém ousou mexer-se. De súbito, levanta-se, aponta o indicador e sentencia: “Agora podem rir!”



Fui atrás de mais dados. A Professora da UERJ, Lutgarde Oliveira, antropóloga, revela:



- No livro “Apostolado do Embuste”, ele diz que o padre Cícero se juntou com o primo José Marrocos para utilizar um composto químico e simular o sangue do famoso milagre da hóstia que virou sangue na boca de uma comungante. E provou isso porque encontrou um livro francês que dizia como usar o material. Só que a obra foi editada dez anos depois do milagre. O padre Gomes ainda teve acesso aos próprios panos do milagre e os queimou. Quando o questionei sobre isto, ficou enfurecido e me acusou de fanática”.

Bem, você nos interrompe, introduzindo-nos diretamente numa bela imagem de sua memória:

Dez horas da manhã.

Na sala de aula, duas altas janelas cortam

o claro dos céus em pedaços.

O professor profere a chamada.

E a descrição, agora, ganha outro tom: literário:

Ele é padre, mas nada tem a ver com seus pares.

Basta ver o corte da batina, a faixa à cintura

que mais parece um “obi” de samurai.

*Postura de quem está sempre à espreita,
aguarda o ataque.*



*(...) Comenta-se que presa à faixa não há uma “katana”,
o sabre japonês, mas um Smith & Wesson, 38 duplo.*

**Os próprios alunos, portanto, ... esperavam *muito* de seu mestre. Por que? Aí vem,
com dois versos, o contraste com a fantasia,**

*cinzento é o ginásio na sua arquitetura
cansativamente simétrica.*

(...)

... a sala,

igual a vinte outras,

com seus trinta alunos sentados em carteiras

de madeira de lei.

Nelas, inscrições, símbolos.

Nada de sugestões pornográficas ou insinuações subversivas.

(...)

aqui se é iniciado no exercício da delação.

**Pronto. Está criado o plot. O que marca o conto é o abafado desespero por algo...
maior, do Padre historiador. Você fala em *usura da história*.**

Onde estará nossa Ítaca?

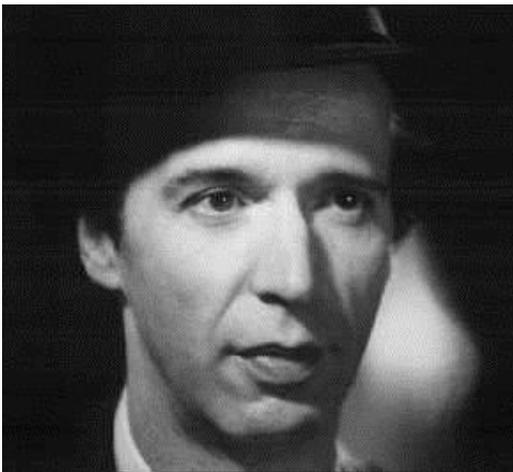
Temos um ponto em comum. Em meu romance RELATO DE PRÓCULA, cujo personagem principal... também é um padre, esse lá de Pombal, no alto sertão da Paraíba, meu narrador diz, lá pelas tantas:

jamais terei como pano de fundo nada do porte de uma invasão napoleônica ou de um gigantesco desembarque de soldados na Normandia, acontecimentos de interesse e repercussão mundiais. E daí? Daí, parece-me, a pouca ou nenhuma ressonância dos escritores brasileiros lá fora, como se fôssemos arqueólogos e o mundo soubesse de antemão que jamais encontraremos, aqui, nada parecido com a soterrada Tróia ou os tesouros de Tutankhamon, esfalfando-nos todos, à toa, em escavações na Lagoa Santa, Ingá do Bacamarte, ou no Parque Nacional da Serra da Capivara.

Daí que Padre Gomes... sufoca na batina que não larga, no Crato, no *silêncio martirizado no quarto de estudos.*

*(...) Não tem com quem conversar,
aprofundar argumentos,
buscar o verme que contamina o miolo de seu fruto,
o fruto vermelho da História.*

Por que essa... maçã, nesse “paraíso”? Seu conto, Everardo, é uma elegia pra alguém que viu que A VIDA NÃO É BELA.



Tem um ar triste, inquieto.

(...)

“Em que pensa essa padre, com jeito de homem?” Sim, você diz isso, através de um certo anão Tandô: “Com jeito de homem”. Frise-se: “Com jeito de homem”. Mas

se vê que se trata de um homem... cerebral, limitado ao tal ginásio *na sua arquitetura*

cansativamente simétrica. E a História, escreve José Honório Rodrigues, “não é só fato: é também emoção”

Mas emoção, como? O ambiente é terrível.

Aqui tudo é vigiado.

A cada janela há um olho à espreita.

Claro que, embora não pareça, isso martiriza o personagem, algo e vítima da situação.

O padre caminha sem prestar atenção a quem passa, nem atentar para quem se furta por trás das gelosias.

O conto, aqui, atinge seu ponto máximo. O que nosso historiador, o que *você* pesquisa?

A saga dos anônimos.

Ou seja: catar os detritos da história.

Ele luta, amargurado, para escrever... algo que o torne diferente do que é no *seu* conto, Everardo. Veja como este seu

trecho lembra o

do narrador em meu romance:

Em 9 de janeiro de 1941, Padre Gomes,

nos Cariris, longe de tudo, ensina, pesquisa, escreve,

elabora e medita, sozinho.

Nesse mesmo dia,

sob a França ocupada e 5 dias

após a morte de Henri Bergson,

Paul Valéry pronuncia na Academia Francesa

o belíssimo elogio fúnebre ao filósofo.

Caramba. Padre Gomes, sozinho *nos Cariris*, Valéry fazendo um discurso na Academia, em Paris!



Tanta grandiosidade, de um lado, e, de outro

É necessário lupa para recompor feições e formas.

Lupa que é abandonada tendo o conto sido feito e o padre devidamente ampliado.

O encerramento é antológico. O Padre

pensa num mundo mais largo, sem cadeias,

(...)

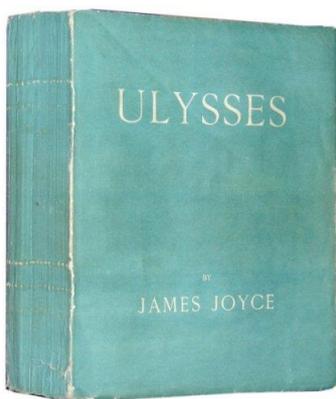
longe de um sol que é o mesmo sol de todos os dias,

(...)

onde nada existe que seja novo,

onde tudo cansa, tudo exaure...

Seu Padre *busca um Ulisses*. O máximo que poderia encontrar, no entanto, é este,



Mero Leopold Bloom, de sua *saga dos anônimos em detritos da história*.

Ao fim e ao cabo, retiro o que disse: UM CERTO PADRE GOMES não é apenas um conto decupado. É poesia, sim. E como!

